

RESUMOS DA FUNDAÇÃO ▶ 1

Igualdade de género ao longo da vida

Anália Torres, coordenação

- A coleção Resumos da Fundação pretende levar até si as ideias-chave dos Estudos da FFMS, de uma forma sintética, linear e clara. Para quem gosta da conclusão mais perto do início.

Igualdade de género ao longo da vida

Anália Torres, coordenação

Paula Campos Pinto

Dália Costa

Bernardo Coelho

Diana Maciel

Tânia Reigadinha

Ellen Theodoro



Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 1, 7.º piso
1099-081 Lisboa
Telf: 21 001 58 00
ffms@ffms.pt

Director de publicações: António Araújo
Editor da coleção Resumos da Fundação: João Tiago Gaspar
Título: Igualdade de género ao longo da vida:
Portugal no contexto europeu. Resumos da Fundação
Coordenadora: Anália Torres
Revisão de texto: João Ferreira
Design: Inês Sena
Paginação: Guidesign
Impressão e acabamento: Guide Artes Gráficas

© Fundação Francisco Manuel dos Santos e os autores
Maio de 2018

ISBN: 978-989-8863-99-7
Depósito Legal n.º 441708/18

As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade do autor e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos. Os autores desta publicação adoptam o novo Acordo Ortográfico. A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada ao autor e ao editor.

Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu

Introdução	9
1. Género e educação	11
2. Género e mercado de trabalho	15
3. Família e condições de vida	27
4. Articulação trabalho-família	33
5. Violência e crime	39
6. Saúde e causas de morte	43
7. Valores	47
8. Género, educação, trabalho e classe social	51
Conclusão	57
Abreviaturas	67
Glossário	69
Para saber mais	73
Autores	75

Introdução

O género e a idade condicionam as interações, as perceções e as expectativas sociais, bem como as relações de poder, as oportunidades e as condições de vida de homens e mulheres. Partindo do princípio que os contextos geracionais e a idade influenciam as relações de género, optámos por analisar três idades da vida:

1. Infância e juventude – até aos 29 anos
2. *Rush hour of life* – dos 30 aos 49 anos
3. Fase tardia da vida ativa – dos 50 aos 65 anos

Sendo difícil estudar todas as manifestações das assimetrias de género, abordaram-se na pesquisa apenas as que se referem a mulheres e homens. Adicionalmente, tratando-se de uma análise, em grande medida baseada em estatísticas oficiais, o retrato aqui produzido fica limitado quanto à inclusão de outros fatores de desigualdade igualmente importantes, como a orientação sexual, a raça ou etnia, a imigração ou a deficiência. Para especificar as diferentes assimetrias entre mulheres e homens selecionaram-se dimensões de análise como a educação, o trabalho, a família e as condições de vida, a articulação do trabalho com a vida familiar, a violência, a saúde e as principais causas de morte.

Este estudo compara Portugal com os restantes países da União Europeia, desde o início do século XXI até 2016. Faz ainda uma análise mais aprofundada de oito países europeus:

Alemanha, Espanha, França, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa e Suécia, refletindo diversos modelos de Estado Social. Para o efeito recorreremos a um conjunto diversificado de bases de dados, de várias fontes: Eurostat, OCDE, INE, GEP-MTSSS, DGEEC, DGRSP, ESS, ISSP e Pordata.

As desigualdades representam diferenças de acesso e de distribuição de recursos que são valorizados socialmente, como o dinheiro, o poder, a educação, a cultura e o prestígio, de acordo com a definição de João Ferreira de Almeida (2013). As mulheres são as principais vítimas da desigualdade de género em todo o mundo, sofrendo de desvantagens materiais e simbólicas em relação aos homens.

Nas últimas décadas, a igualdade de género tem sido promovida no plano legislativo, quer em Portugal, quer na comunidade internacional, através da pressão de movimentos feministas e de grupos ligados a diferentes identidades de género. Todavia, algumas inovações legislativas têm enfrentado a apatia, e até a resistência, de quem deve aplicar as leis. Há, até, instituições que apregoam a igualdade de género, sem que isso se traduza numa alteração substancial das regras ou práticas discriminatórias.

Este Resumo procura expor as principais conclusões do estudo *Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu*, editado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos. Poderá aceder gratuitamente ao estudo completo em **ffms.pt**.

1. Género e educação

Como é sabido, nos anos 1980 o sistema educativo português testemunhou uma enorme expansão: o número de estudantes aumentou substancialmente, a educação chegou aos estratos sociais mais desfavorecidos e os alunos e alunas passaram a estudar até mais tarde.

Embora ainda tenha um longo caminho a percorrer, Portugal tem-se aproximado dos níveis de escolaridade dos seus parceiros europeus, nas últimas décadas. Em 2016, a esmagadora maioria dos jovens tinha o ensino secundário: 60% dos rapazes portugueses contra 66% dos rapazes europeus e 59% das raparigas portuguesas face a 65% das jovens europeias.

Se considerarmos os indivíduos na fase tardia da vida ativa, os homens estudaram em média nove anos e as mulheres oito. Nenhum outro país europeu regista uma escolaridade média tão baixa nesta fase da vida como Portugal. Inclusivamente, os países mais próximos de Portugal no que toca à escolaridade média – Espanha, França e Polónia – apresentam resultados bastante mais animadores (uma média de 12 anos de escolaridade tanto para homens como para mulheres). Ou seja, se tivermos em consideração pessoas entre os 50 e os 65 anos, Portugal não só é o país menos escolarizado da Europa, como é o país que apresenta maior assimetria entre géneros.

Como é possível constatar na Tabela 1, esta tendência inverteu-se na geração seguinte. As mulheres que têm entre 30 e 49 anos estudaram em média 12 anos completos, o que representa um aumento de quatro anos em relação à escolaridade das mulheres na fase tardia da vida ativa. Já as mulheres na *rush hour of life*, ao ultrapassarem largamente a escolaridade média dos homens da mesma faixa etária, acompanharam a tendência europeia. Ainda assim, Portugal continua a ser o país menos escolarizado da Europa nesta idade da vida.

Tabela 1. Escolaridade média dos portugueses – evolução entre 2002 e 2014

Fase tardia da vida (entre os 50 e os 65)

HOMENS	MULHERES
9 anos	8 anos
aumento de três anos	aumento de três anos

***Rush hour of life* (entre os 30 e os 49 anos)**

HOMENS	MULHERES
10 anos	12 anos
aumento de um ano	aumento de quatro anos

Infância e juventude (entre os 15 e os 29 anos)

HOMENS	MULHERES
12 anos	12 anos
aumento de dois anos	Manteve-se

Fonte: Inquérito Social Europeu, 2014.

Na juventude os homens portugueses apresentam uma média de anos de escolaridade igual à das mulheres: 12 anos. Isso significa que convergiram em relação às mulheres, aumentando a idade média de escolaridade em dois anos. Embora tenha atenuado a distância em relação aos restantes países europeus, Portugal continua a ser o país menos escolarizado na UE a 27 países. Tanto no caso das mulheres, como dos homens, o país mais escolarizado é a Espanha, com uma média de 15 anos de escolaridade, seguida do Reino Unido, com uma média de 14 anos.

Como podemos verificar na Tabela 1, ao analisarmos a evolução da média de anos de escolaridade em Portugal entre 2002 e 2014, apercebemo-nos de um aumento em todas as idades da vida, tanto nos homens como nas mulheres. Na juventude a evolução é obviamente menor no caso das mulheres, uma vez que a média de anos de escolaridade já era consideravelmente elevada em 2002. Os jovens portugueses passaram de 10 anos de escolaridade média para 12, enquanto as jovens portuguesas passaram de 11 para 12 anos.

A sociedade portuguesa é profundamente marcada pela baixa escolaridade das gerações mais velhas. No quadro europeu, Portugal continua a ser dos países com níveis de escolaridade mais baixos, resultantes de um processo tardio de democratização do acesso à escola. A boa notícia é que tem havido um processo de mobilidade educacional ascendente. Nos próximos anos espera-se que a escolaridade média dos portugueses continue a aumentar, permitindo a convergência gradual do nosso país com os seus parceiros europeus.

Ideias-chave

- »» Na UE a 27 há mais mulheres do que homens jovens a matricularem-se e a concluírem o ensino superior.
 - »» Portugal progrediu muito a nível educacional nas últimas décadas. Entre 2000 e 2016 o abandono escolar diminuiu consideravelmente no nosso país.
 - »» Apesar do progresso recente Portugal continua a ser dos países da União Europeia com níveis de escolaridade mais baixos.
-

2. Género e mercado de trabalho

Será que existem desigualdades significativas entre géneros no mercado de trabalho? Para respondermos convenientemente a esta pergunta devemos analisar uma série de indicadores: taxas de emprego e de desemprego, formas de contratação, existência do regime de trabalho a tempo parcial, remunerações e integração de mulheres em profissões socialmente prestigiadas.

Há uma realidade comum aos homens e mulheres em Portugal e na Europa: a maioria das pessoas empregadas tem entre 30 e 49 anos. Este facto não surpreende, uma vez que os jovens têm um necessário período de integração no mercado de trabalho e que, por sua vez, alguns trabalhadores mais experientes vão deixando de trabalhar. Para além disso, a taxa de emprego é mais elevada para os homens do que para as mulheres, quer em Portugal, quer na Europa.

Os portugueses apresentam taxas de emprego mais baixas do que a média da UE a 27, em quase todas as idades. Mas há um segmento no qual Portugal supera a média europeia: as mulheres portuguesas na *rush hour* trabalham mais do que as congéneres da maioria dos países europeus. Este facto está intrinsecamente ligado à forte participação feminina no mercado laboral português, historicamente mais elevada do que a média europeia.

Entre 2000 e 2015 houve uma quebra de emprego em Portugal, sendo que os mais prejudicados foram os jovens (homens e mulheres). Isto explica-se de duas formas. Por um lado, o desemprego jovem aumentou consideravelmente. Por outro, os jovens estudam até mais tarde, atrasando a sua entrada no mercado de trabalho.

A quebra do emprego jovem foi mais acentuada nos homens do que nas mulheres. Esta tendência deve-se, em parte, à recente crise económica e financeira que, numa fase inicial, afectou especialmente o emprego masculino. Aquela quebra pode ainda ser explicada pela elevada taxa de abandono escolar precoce dos homens portugueses, que afecta a sua entrada no mercado de trabalho quando os empregos não qualificados escasseiam.

A taxa de emprego dos homens portugueses diminuiu em todas as idades da vida, algo que não aconteceu na UE a 27 países, entre 2000 e 2015. Já as mulheres, quer em Portugal, quer na Europa, têm aumentado a sua empregabilidade na *rush hour* e na fase tardia. A exceção é a juventude, uma vez que as mulheres estudam cada vez mais, atrasando a sua entrada no mercado de trabalho.

No mesmo período, o emprego das mulheres em Portugal cresceu, mas ficou aquém da média europeia. Na fase tardia da vida ativa, por exemplo, o emprego das mulheres aumentou 16,7 pontos percentuais na Europa e 5 pontos percentuais em Portugal. Esta diferença não pode ser dissociada da crise das dívidas soberanas e do Programa

de Assistência Económica e Financeira (2011-2014) a que o nosso país teve de recorrer.

No caso português, a diminuição da disparidade do emprego entre homens e mulheres em todas as idades analisadas não se deve tanto à obtenção de empregos por parte das mulheres, mas antes à perda de empregos por parte dos homens. Assim sendo, não devemos encarar a redução da desigualdade de género no que toca ao emprego como uma conquista social. A melhoria comparativa da situação das mulheres é explicada, essencialmente, pelo aumento do desemprego masculino.

Tanto em Portugal como na maioria dos países europeus, os jovens são o grupo mais afectado pelo desemprego. Mas há duas diferenças importantes. Primeiro, o desemprego jovem é muito maior em Portugal e nos outros países da Europa do sul, do que no resto da Europa. Segundo, o desemprego jovem em Portugal afeta mais as mulheres do que os homens, ao contrário da média da União Europeia, como se constata na Tabela 2.

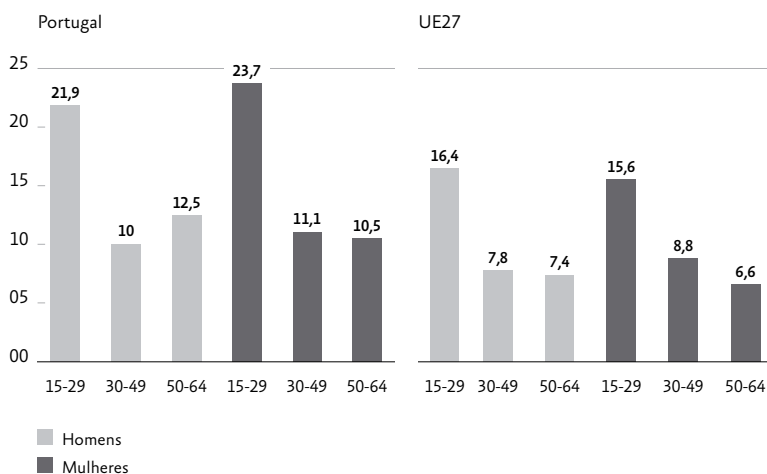
Tabela 2. Desemprego jovem em Portugal e na Europa (em 2015)

Portugal		Média da União Europeia	
HOMENS JOVENS	MULHERES JOVENS	HOMENS JOVENS	MULHERES JOVENS
21,9%	23,7%	16,4%	15,6%

Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey*, 2015.

Na Europa, à medida que se envelhece, a taxa de desemprego tende a diminuir, para ambos os sexos. Já em Portugal, este fenómeno só se verifica nas mulheres. A taxa de desemprego é mais elevada nas mulheres jovens (até aos 29 anos) e mais reduzida nas mulheres na fase tardia da vida ativa (dos 50 aos 65 anos). O desemprego masculino em Portugal afeta sobretudo os jovens e os indivíduos que se encontram na fase tardia da vida ativa.

Figura 1. Taxa de desemprego (em %), por sexo e idade, em Portugal e na UE 27, em 2015



Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey*.

No que toca ao emprego, verifica-se que Portugal assumiu uma trajetória distinta da média europeia entre 2000 e 2015. Durante este período a taxa de desemprego em Portugal foi crescendo progressivamente, embora os níveis de desemprego

tenham sido inferiores à média europeia a 27 países até 2007, no caso dos homens, e até 2006, no caso das mulheres. Em termos médios, a taxa de desemprego foi diminuindo na União Europeia até 2008.

A contratação temporária é mais frequente em Portugal do que na média dos países da União Europeia, quer para homens, quer para mulheres, em todas as idades da vida. Ou seja, independentemente da fase da vida e do sexo, os portugueses estão mais sujeitos à precariedade laboral do que a generalidade dos europeus.

No nosso país a precariedade da contratação vai diminuindo à medida que as pessoas vão envelhecendo e progredindo na carreira. Enquanto na fase tardia da vida ativa apenas cerca de 12,8% dos homens e 10,1% das mulheres têm empregos não permanentes, tal acontece a 20% dos homens e das mulheres durante a *rush hour* e a mais de metade dos jovens (60% dos indivíduos entre os 15 e os 24 anos).

Na UE a 27 a situação é semelhante, ainda que mais atenuada: 6,7% dos homens e 7,1% das mulheres na fase tardia encontram-se em situação de contratação não permanente; na *rush hour* os valores praticamente duplicam; na juventude os indivíduos sem contratação permanente atingem os 44%. A contratação a termo tem aumentado na Europa, e mais ainda em Portugal, desde 2000. As formas de contratação não permanente têm afetado especialmente as trabalhadoras e os trabalhadores mais jovens.

Em Portugal, a precariedade penaliza mais as mulheres do que os homens em quase todas as idades, com a exceção da

fase tardia da vida ativa, o que redundará em trabalhos de menor qualidade e de estatuto inferior, bem como em salários mais baixos. Neste ponto a situação da média europeia não é melhor do que a portuguesa, uma vez que as mulheres se encontram mais vezes em situação de precariedade do que os homens em todas as idades analisadas.

A maioria das trabalhadoras e dos trabalhadores europeus, independentemente da idade, trabalham a tempo inteiro. Ainda assim, o trabalho a tempo parcial é mais comum no resto da Europa do que em Portugal, quer no caso dos homens, quer no caso das mulheres. A proporção de mulheres a trabalhar a tempo parcial em Portugal é muito menor do que a média europeia: 12,5% contra 32,3%, respetivamente. A proporção de homens a trabalhar em Portugal a tempo parcial ronda os 7%, enquanto na UE a 27 países ronda os 9%.

O trabalho a tempo parcial tende a ser considerado, em muitos países da Europa e também em Portugal, como uma situação involuntária. Embora possibilite a acumulação com outras ocupações, como estudar ou cuidar da família, normalmente implica uma remuneração baixa e poucos direitos laborais. Em Portugal, a principal razão apontada pelas mulheres (54,5%) e pelos homens (42,4%) para se encontrarem a trabalhar a tempo parcial é a incapacidade de encontrarem um emprego a tempo inteiro.

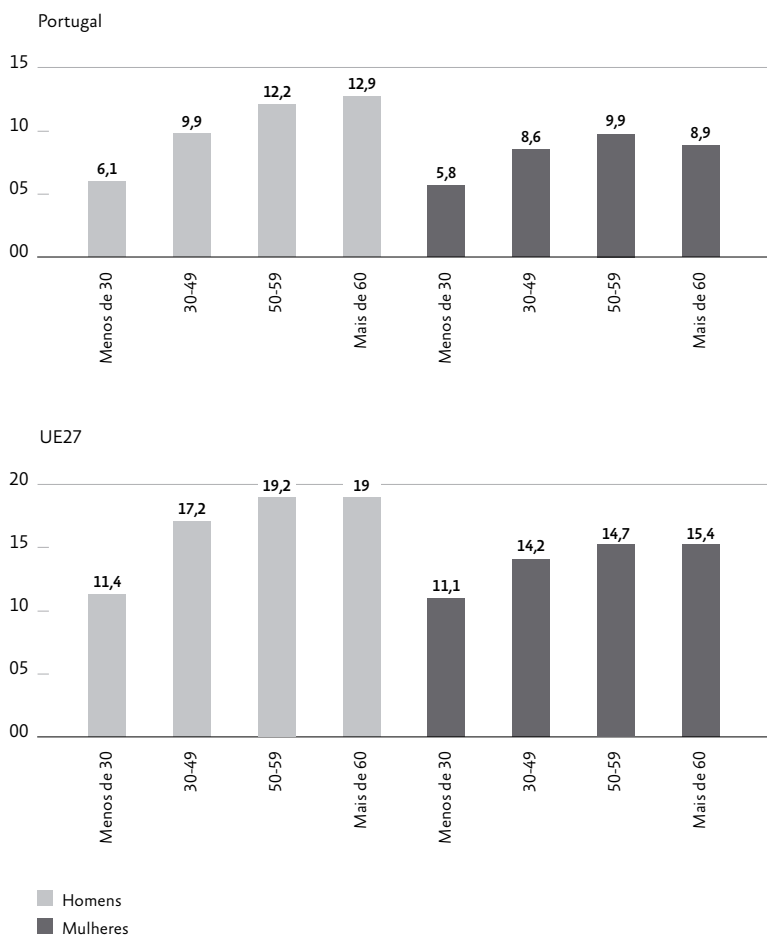
Este regime de trabalho é mais frequente no início e na fase final da carreira, quer em Portugal, quer no resto da Europa, e é fundamentalmente experienciado pelas mulheres. Na Europa, 32,3% das mulheres trabalhadoras entre os 15 e os

64 anos trabalham a tempo parcial, em comparação com 8,9% dos homens. Já em Portugal, 12,5% das mulheres trabalhadoras entre os 15 e os 64 anos estão nessa situação, tal como 7% dos homens. Quer em Portugal, quer no resto da Europa, a proporção de mulheres trabalhadoras em regime de tempo parcial é – em todas as idades – superior à proporção dos homens na mesma situação.

Como é possível verificar na figura 2, há um padrão de género comum entre Portugal e o resto da Europa no que diz respeito aos níveis de remuneração: as mulheres obtêm salários sistematicamente inferiores aos homens em todas as idades analisadas. No nosso país, as mulheres jovens têm um salário médio por hora de 5,8€ enquanto os homens auferem um salário médio/hora de 6,1€. Já na *rush hour*, as mulheres portuguesas recebem em média 8,6€ por hora, enquanto os homens auferem, em média, 9,9€ por hora. Finalmente, na fase tardia da vida ativa, as mulheres portuguesas ganham em média 9,9€ por hora, enquanto os homens recebem, em média, 12,9€ por hora.

Se é verdade que as pessoas na fase tardia da vida ativa têm, genericamente, remunerações mais elevadas do que os membros das gerações mais novas, também é verdade que isso não acontece em todos os grupos estudados. Ao contrário dos homens, as trabalhadoras portuguesas perdem, em média, 0,45€ por hora quando transitam da *rush hour* para a fase tardia da idade ativa. Tanto em Portugal como na Europa, à medida que a idade e as carreiras profissionais avançam, a disparidade salarial entre homens e mulheres vai aumentando.

Figura 2. Salário médio/hora, em PPC, por idade e sexo, em Portugal e na UE a 27, em 2014

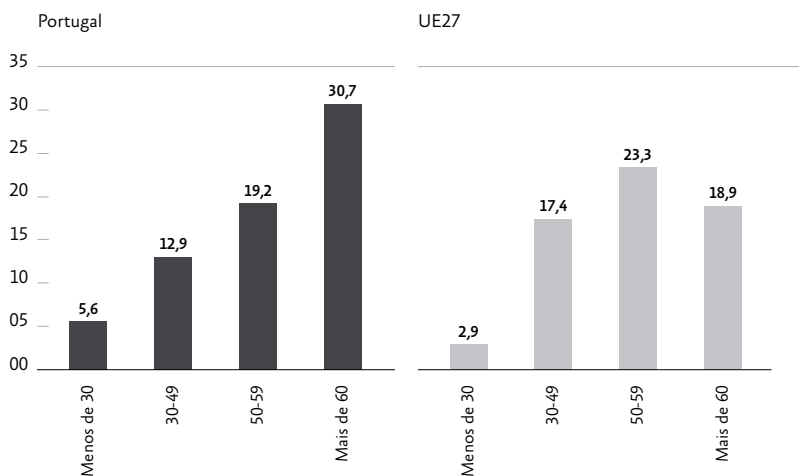


PPC – Paridade do poder de compra

Fonte: Eurostat, *Structure of Earnings Survey*.

Como é possível constatar na figura 3, abaixo, a disparidade dos ganhos brutos por hora, entre mulheres e homens, é de 19% para as pessoas entre os 50 e os 59 anos, mas ronda os 30% para os indivíduos com mais de 60 anos. Já na *rush hour of life*, atinge os 12,9% e, para trabalhadores com menos de 30 anos, chega a ser de 5,6%. Ou seja, em Portugal a disparidade salarial entre géneros tende a agravar-se com o avançar da idade.

Figura 3. Disparidade salarial entre homens e mulheres (em %), por idade, em Portugal e na UE a 27, em 2014



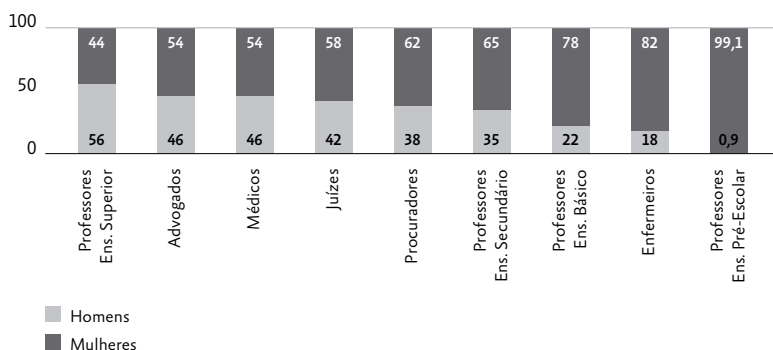
Fonte: Cálculos próprios a partir de Eurostat, *Structure of Earnings Survey*.

Portugal encontra-se no grupo de países europeus em que profissões de elevada visibilidade e prestígio social se encontram mais feminizadas, apresentando até taxas de

feminização superiores às dos países nórdicos. No nosso país, por exemplo, 58% dos juizes e 54% dos médicos são mulheres.

Na Europa, a vasta maioria das e dos docentes, sobretudo do ensino pré-escolar, básico e secundário, são mulheres. Contudo, a maioria das posições de direção continuam a ser preenchidas por homens em todos os países europeus. Em Portugal as mulheres representam apenas 44% das e dos docentes do ensino superior, o que contrasta com a elevada proporção de mulheres doutoradas.

Figura 4. Percentagem de profissionais dos sectores da justiça, da saúde e da educação, por sexo, em Portugal, em 2015



Fontes: CEPEJ (Commission Européenne pour l'efficacité da la justice), 2016; Pordata, 2017; Ordem dos Enfermeiros, 2014.

Ideias-chave

- »» Na Europa, a *rush hour* é a fase da vida com a maior proporção de pessoas empregadas. As portuguesas entre os 30 e os 49 anos apresentam, inclusivamente, valores acima da média europeia.
- »» A contratação não permanente tem vindo a aumentar desde o início do milénio em toda a Europa e os jovens, de ambos os sexos, são os mais afetados. Esta forma de precaridade continua a ser mais comum em Portugal do que no resto da Europa.
- »» O trabalho a tempo parcial é uma realidade que atinge mais as mulheres do que os homens, sendo mais comum no início e no fim da vida profissional, mas sempre mais comum na Europa do que em Portugal.
- »» A disparidade salarial não é um fenómeno exclusivamente português. As mulheres recebem menos do que os homens em toda a Europa, em todas as idades da vida. Este tipo de desigualdade tende a aumentar com a idade, sendo que em Portugal se agrava dramaticamente na fase tardia da vida ativa.
- »» Em Portugal as mulheres dominam as profissões socialmente mais prestigiadas, constituindo a maioria dos profissionais da saúde e da justiça. Dominam também no sector da educação em todos os níveis de ensino, à exceção do ensino superior, apesar da elevada proporção de mulheres doutoradas.

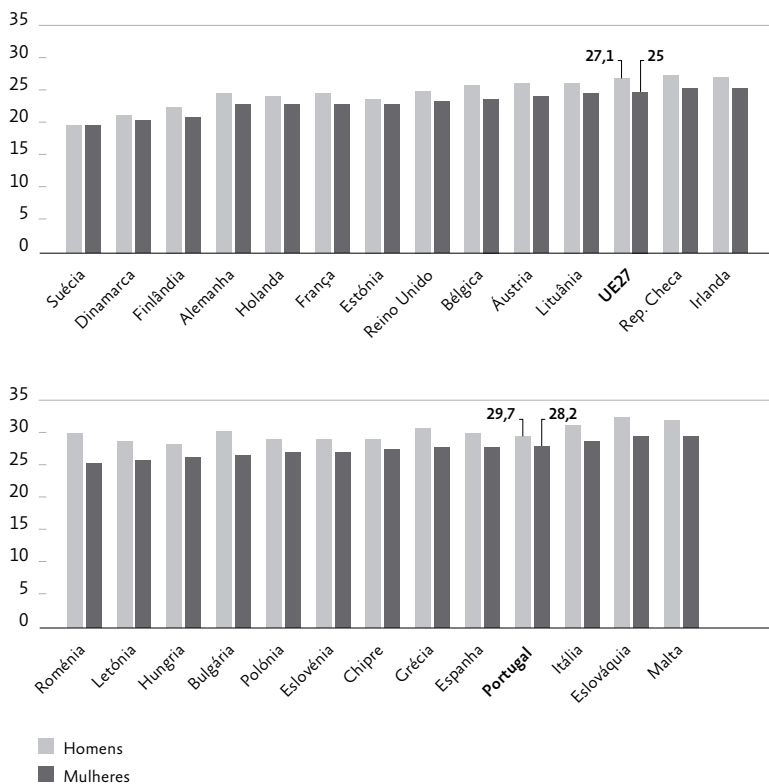
3. Família e condições de vida

Em Portugal, a percentagem de pessoas a viver em conjugalidade é mais elevada do que na maioria dos países europeus. Na *rush hour* 73% dos homens e 74% das mulheres vivem neste regime, tal como 84% dos homens e 74% das mulheres entre os 50 e os 64 anos. Na juventude, a monoparentalidade feminina é mais frequente na média europeia (4,2%) do que em Portugal (2,7%). Já nas outras idades da vida, a proporção de mulheres responsáveis por agregados monoparentais não se afasta muito da média europeia.

Em Portugal e nos países do sul e do leste europeu, há mais jovens a viver em casa dos pais do que no resto da Europa. Esta diferença entre países pode ser explicada, pelo menos em parte, pelos baixos salários dos jovens, já que mesmo a trabalhar não têm rendimentos suficientes para se tornarem autónomos. Em todos os países verifica-se igualmente que a maioria dos que estão a viver em casa dos pais são jovens homens, tal como podemos constatar na figura 5, o que também se pode justificar pela tendência das jovens mulheres para se autonomizarem mais cedo.

Depois da juventude a conjugalidade torna-se o tipo de agregado mais frequente em Portugal, passando a existir paridade entre homens e mulheres. As mulheres tendem a passar à vida conjugal mais cedo do que os homens em todos os países europeus. Em Portugal a média de idade à data do casamento é de 31,5 anos para os homens e de 29,8 anos para as mulheres.

Figura 5 Média de idade de saída de casa dos pais, por país e sexo, em 2015



Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey*.

Em média, na União Europeia a 28 países, a proporção de mulheres sem filhos no agregado (54%) é ligeiramente superior à proporção de mulheres com filhos no agregado (46%). Já em Portugal, a proporção de mulheres com filhos no agregado (51%) é superior à das mulheres sem filhos no

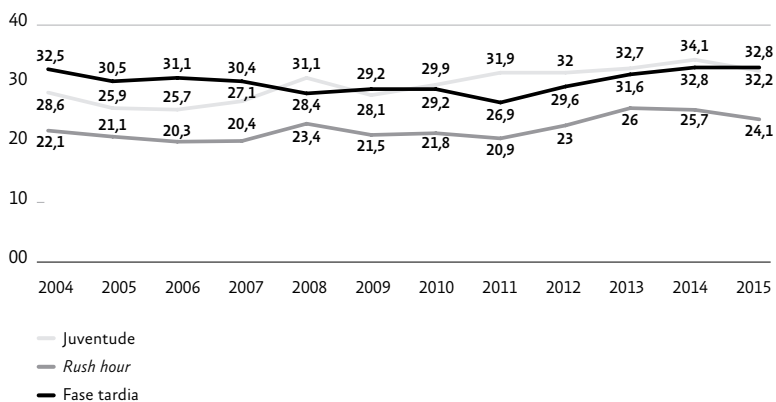
agregado (49%). Estes números dizem respeito a mulheres que têm filhos a cargo (até aos 25 anos), que dependem economicamente dos pais.

Em Portugal, a média de idade das mães aquando do nascimento do primeiro filho (ou filha) rondava, em 2015, os 31 anos, o que vai ao encontro da média europeia. A maternidade foi adiada, em média, em quase todos os países europeus nas últimas décadas, tendo aumentado de 28,6 para 30,9 anos no nosso país. A Bulgária é o país europeu onde as mulheres são, em média, mães mais cedo (27,4 anos), enquanto a Espanha é o país onde a maternidade surge, em média, mais tarde (31,9 anos).

As mulheres apresentam um risco de pobreza maior do que os homens em todos os países da União Europeia, em todas as idades da vida. O risco de pobreza das mulheres em Portugal é de 26,6%, ligeiramente acima da média da União Europeia (25,2%).

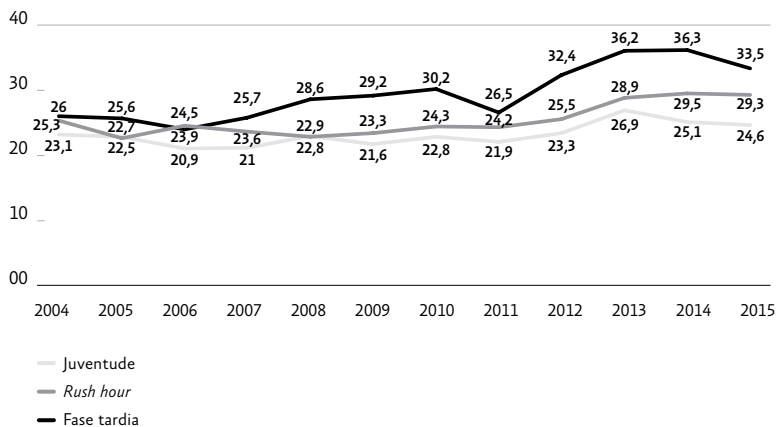
Já nos homens portugueses, o risco de pobreza situa-se nos 25,4%, afastando-se ainda mais dos valores médios da UE a 27 países (23,6%). Em Portugal, o risco de pobreza para os homens aumentou, entre 2004 e 2015, em todas as idades da vida. Na juventude aumentou de 26% para 33,5%; na *rush hour* aumentou de 23,1% para 24,6%; e na fase tardia da vida ativa aumentou de 25,5% para 29,3%. O referido risco de pobreza também aumentou para as mulheres entre 2004 e 2015, mas o aumento foi menos expressivo na fase tardia da vida ativa (passou de 32,5% para 32,8%).

Figura 6. Evolução do risco de pobreza (%) das mulheres dos 15 aos 64 anos, em Portugal (2004-2015)



Fonte: Eurostat, EU-SILC (Statistics on Income and Living Conditions), 2017.

Figura 7. Evolução do risco de pobreza (%) dos homens dos 15 aos 64 anos, em Portugal (2004-2015)



Fonte: Eurostat, EU-SILC, 2017.

Ideias-chave

- » Os portugueses tendem a sair mais tarde da casa dos pais do que a média dos jovens europeus.
 - » Na *rush hour* e na fase tardia da vida ativa predomina a vida em conjugalidade. A vida em casal é mais frequente em Portugal do que na UE, em termos médios, sobretudo entre os 30 e os 49 anos.
 - » A média de idade das mães aquando do nascimento do primeiro filho (ou filha) aumentou, entre 2000 e 2015, em quase todos os países da UE. Em Portugal este dado coincide com a média da UE a 28 países (31 anos).
-

4. Articulação trabalho-família

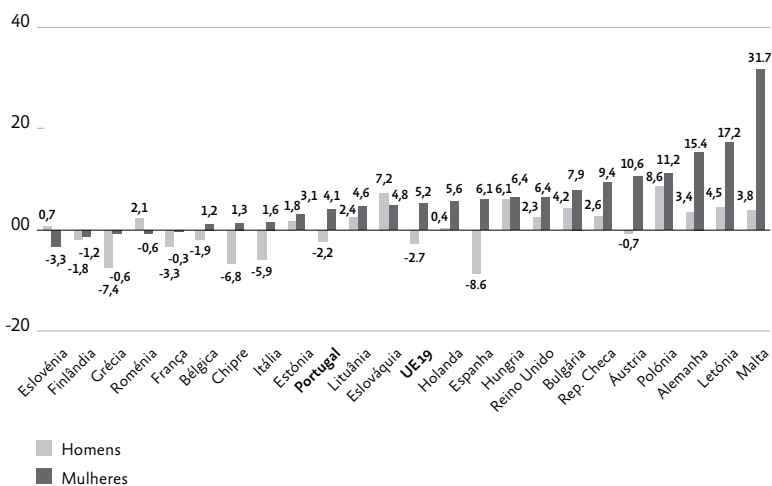
Como se compatibiliza a parentalidade com a vida profissional? Que modalidades de articulação entre trabalho e família são mais frequentes na Europa nas diferentes fases da vida? E que impacto têm as diferentes modalidades na igualdade de género?

Quando analisamos os dados relativos aos trabalhadores e trabalhadoras (entre os 15 e os 64 anos) que têm crianças dependentes, percebemos que a taxa de emprego dos homens, em 2016, era superior à das mulheres. Na UE a 28, 78,3% dos homens com crianças dependentes trabalhavam, em comparação com 66,7% das mulheres na mesma situação. Em Portugal a percentagem de pais a trabalhar (76,3%) é menor do que a média europeia, enquanto a percentagem de mães a trabalhar (69,4%) é superior à média.

Considerando o período 2005-2016, concluímos que na maioria dos países europeus se registou um aumento da taxa de emprego das mulheres com crianças dependentes. Portugal registou um aumento pouco expressivo – 0,8 pontos percentuais – o que se explica pela tradicional elevada participação das mulheres portuguesas no mercado de trabalho. Apenas a Grécia e a Roménia apresentaram uma redução na taxa de emprego de trabalhadoras com crianças dependentes.

Durante a mais recente crise económica e financeira houve um agravamento da situação dos homens europeus no mercado de trabalho. Não só o aumento nas taxas de emprego de homens com crianças dependentes foi menos significativo do que o aumento das taxas de emprego das mulheres em situação idêntica – facto explicável pelas taxas de emprego tradicionalmente mais elevadas para os homens – como houve países onde a participação masculina no mercado de trabalho diminuiu (Grécia, Chipre e Espanha).

Figura 8. Variação da taxa de emprego de adultos dos 15 aos 64 anos com crianças dependentes, por país e por sexo, em pontos percentuais (2005-2016)



Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey*.

Notas:

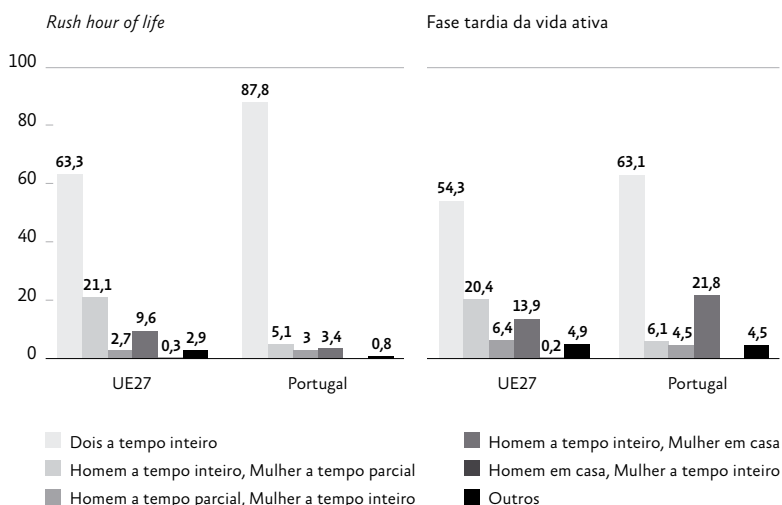
- 1) Todas as pessoas com menos de 18 anos são consideradas crianças dependentes, bem como as pessoas entre os 18 e 24 anos que são inativas e que vivem com pelo menos um dos progenitores.
- 2) Dados indisponíveis para a Noruega, Islândia, Suécia, Irlanda e Dinamarca.

Em Portugal, a esmagadora maioria das e dos trabalhadores entre os 30 e os 49 anos que vivem em casal, têm cônjuges ou parceiros(as) que também trabalham a tempo inteiro (88%), um valor bastante superior à média europeia a 27 países (63%). Este é o modelo prevalecente em toda a Europa e só em 21% dos agregados os homens trabalham a tempo inteiro e as mulheres a tempo parcial. No entanto, há países, como a Holanda, a Alemanha e a Áustria, em que, nesta idade da vida, é mais frequente o homem trabalhar a tempo inteiro e a mulher a tempo parcial.

Já na fase tardia da vida ativa, a proporção de agregados em que ambos os membros do casal trabalham a tempo inteiro desce consideravelmente, quer em Portugal (para 63%), quer no contexto europeu (para 54%). Em 22% dos agregados portugueses os homens trabalham a tempo inteiro e as mulheres não têm emprego, possivelmente devido à redução da taxa de emprego das mulheres na passagem da *rush hour* para a fase tardia da vida ativa.

Relativamente aos agregados domésticos dos trabalhadores e das trabalhadoras que não vivem em conjugalidade, também se verificam algumas diferenças curiosas entre Portugal e a média da UE a 27, principalmente na fase tardia da vida activa (entre os 50 e os 65 anos). Nesta idade da vida, mais de metade das e dos trabalhadores (58,6%) que não vivem em casal, vivem noutros tipos de agregados – com irmãos, genros/noras ou pais – enquanto na União Europeia atingem apenas os 35%.

Figura 9. Distribuição de trabalhadores e trabalhadoras a viver em casal, por tipo de agregado e por grupo etário (em %), em 2015



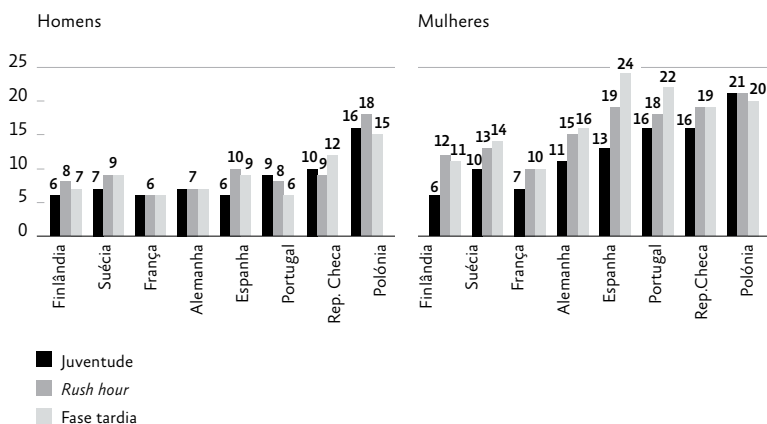
Fonte: European Working Conditions Survey (EWCS).

Nota: A categoria "Outros" inclui os casais em que ambos os membros trabalham a tempo parcial e os casais em que um elemento trabalha a tempo parcial e o outro não trabalha.

No que respeita a tarefas domésticas em agregados de pessoas empregadas e a viver em conjugalidade, as mulheres despendem sempre mais horas por semana a cuidar da casa do que os homens, em qualquer idade da vida, em todos os países europeus. A Finlândia é o único país onde os homens jovens gastam tanto tempo como as mulheres jovens em trabalhos domésticos. Portugal e Espanha são os países europeus onde se verificam maiores diferenças entre o tempo gasto por homens e mulheres jovens em tarefas domésticas (7 horas de diferença). Em Portugal esta diferença agudiza-se na *rush hour* (10 horas de diferença) e na fase tardia da vida ativa (16 horas de diferença).

Não parece plausível que os homens passem a dedicar-se menos às tarefas domésticas com o avançar da idade. Estas assimetrias geracionais são provavelmente motivadas pela manutenção de estereótipos de género, associados a modos de vida tradicionais, nas pessoas mais velhas. De resto, no que respeita aos cuidados familiares, há uma mudança expressiva entre gerações, visto que os homens mais novos, e mesmo os que estão na *rush hour*, dependem mais horas nos cuidados aos familiares do que os homens mais velhos.

Figura 10. Média de horas semanais consumidas com tarefas domésticas, por sexo, grupo etário e país, em 2012



Fonte: ISSP – *Family and Changing Gender Roles (Round 4)*.

Nota: Inquérito realizado em 41 países, em 2012, a uma amostra de 61.754 indivíduos. Os dados de Portugal são de 2014.

Se tivermos em consideração a média de horas passadas a cuidar da família por pessoas empregadas a viver em conjugalidade, as mulheres continuam a ser muito mais

penalizadas do que os homens em qualquer fase da vida. Esta assimetria é um dos fatores que mais contribui para a desigualdade entre homens e mulheres, não só no emprego, mas também na participação cívica e política, na generalidade dos países europeus.

Ideias-chave

Considerando o período entre 2005 e 2016 verificamos que:

- »» Houve um aumento considerável da participação de mulheres com filhos(as) dependentes no mercado de trabalho na maioria dos países da União Europeia.
 - »» O número de casais em que ambos os membros trabalham, quer em Portugal, quer na Europa, aumentou substancialmente.
 - »» Subsistem diferenças assinaláveis entre homens e mulheres no que toca à média de horas semanais despendidas a cuidar da casa e da família. Os homens continuam a contribuir bastante menos em todos os países europeus.
 - »» Portugal e Espanha são os países europeus onde as mulheres trabalhadoras são mais sobrecarregadas com tarefas domésticas não remuneradas.
-

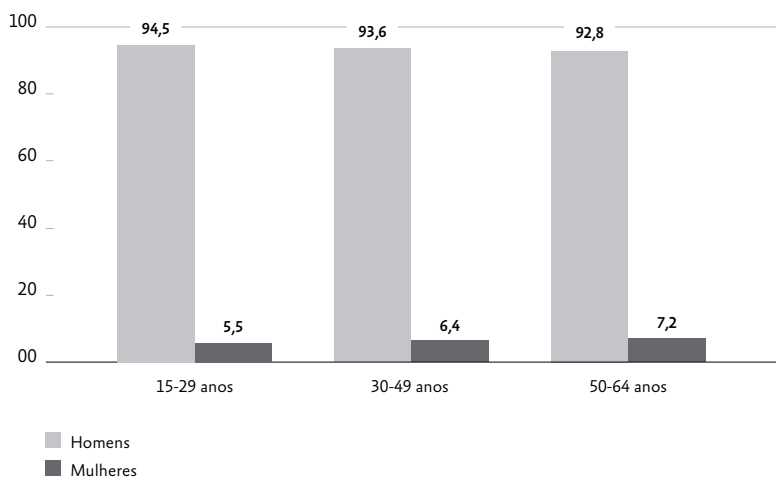
5. Violência e crime

Existirão diferenças significativas entre homens e mulheres no que toca ao crime e à violência? Por exemplo, a população prisional é maioritariamente composta por homens ou por mulheres? E quem são as principais vítimas de violência?

Para responder a estas interrogações analisámos dados relativos à população prisional, às condenações e ao número de vítimas de crimes sexuais, bem como ao número de vítimas de violência. Apesar da violência e o crime não coincidirem, uma vez que nem todas as manifestações de violência são crime, os números da população prisional são relevantes, ao evidenciarem a dimensão das pessoas condenadas por crimes graves.

De acordo com dados de 2016, há uma enorme disparidade de género na população prisional portuguesa: a proporção de reclusos é bastante superior à proporção de reclusas, em qualquer grupo etário. Tradicionalmente, a indiferença ao medo e a demonstração de força são encaradas como afirmações de masculinidade, o que pode explicar a maior exposição dos homens a situações de criminalidade e violência. Para dar um exemplo, entre os jovens, 95% dos reclusos são homens.

Figura 11. População prisional em Portugal (dos 15 aos 64 anos) por sexo e grupo etário, em 2016



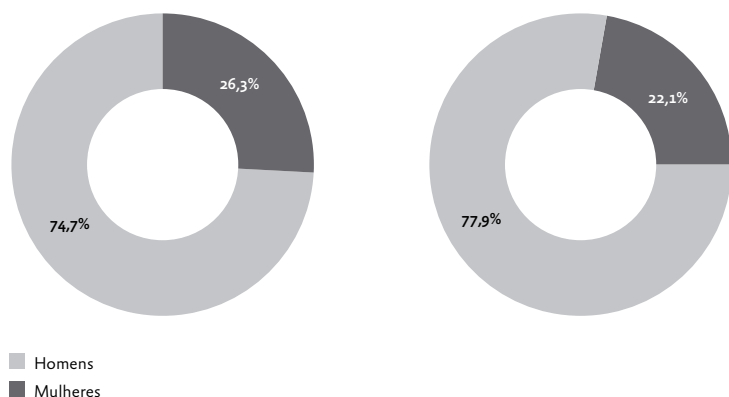
Fonte: Direção Geral dos Serviços Prisionais.

Ao analisarmos a população condenada em toda a Europa no ano de 2015, constatámos que a predominância de homens na população prisional se mantém. Os homens constituem a esmagadora maioria dos condenados por homicídio na Europa (com valores sempre superiores a 80%). Portugal é dos países com uma proporção menor de mulheres condenadas, em conjunto com os países de leste.

Figura 12. Autores/as de violência física, psicológica e sexual contra homens e mulheres, em 2007

Autores/as de violência contra as mulheres

Autores/as de violência contra os homens



Fonte: Inquérito Nacional Violência de Género, FCSH-UNL/CIG, 2007.

Os homens são responsáveis pela maioria dos atos de discriminação sociocultural (85%), de violência psicológica (78%), e praticamente atingem a totalidade das agressões físicas em Portugal. Em 42% dos casos os agressores das mulheres são maridos ou companheiros. Já quando os homens são vítimas de violência, a maioria dos agressores são desconhecidos (23%), colegas ou amigos (23%), vizinhos (11%), e, muito raramente, cônjuges (apenas 3%). A violência exercida contra as mulheres ocorre maioritariamente em casa (60%), enquanto a violência contra homens acontece principalmente na rua (30%) ou no local de trabalho (16%), como pode ler-se no estudo coordenado por Manuel Lisboa (2009).

Ideias-chave

- »» **A população prisional é esmagadoramente masculina, em todos os países considerados e grupos etários.**
 - »» **Na UE a 28 os homens são os principais condenados por homicídios e crimes de índole sexual, enquanto as mulheres são as principais vítimas de crimes de agressão sexual e violação.**
 - »» **Na grande maioria dos casos de violência os agressores são homens, independentemente do género das vítimas.**
-

6. Saúde e causas de morte

Quais são as principais causas de morte para homens e mulheres? Haverá diferenças entre géneros e entre países? E será que os homens e as mulheres têm cuidados semelhantes com a saúde?

Como é sabido, as mulheres têm uma esperança de vida mais longa do que os homens. Essa tendência verifica-se em todos os países europeus, e Portugal encontra-se, inclusive, acima da média europeia a 28 países. As mulheres portuguesas têm uma esperança de vida de 84,3 anos, enquanto a média europeia é de 83,3 anos. Segundo dados de 2015, os homens portugueses também têm uma esperança de vida ligeiramente superior à média dos restantes europeus: 78,1 contra 77,9 anos.

Na União Europeia o número médio de anos de vida saudável é muito semelhante entre mulheres (63,3) e homens (62,6). Em Portugal e nos países nórdicos, contudo, o número de anos de vida saudável é sempre superior para os homens. As portuguesas usufruem em média de 55 anos de vida saudável, enquanto os homens dispõem de 58 anos. Comparando a esperança de vida com o número de anos de vida saudável, percebemos que as mulheres em Portugal vivem, em média, 29 anos com problemas de saúde moderados ou severos e os homens cerca de 20 anos.

Há vários estudos que confirmam a existência de diferenças de género na saúde em toda a UE, em prejuízo das mulheres, no que diz respeito à dor crónica, doenças psiquiátricas e doenças crónicas. Talvez por isso, as mulheres portuguesas recorrem mais aos cuidados de saúde do que os homens. Em 2014, a proporção de homens que não consultou qualquer médico nos 12 meses anteriores foi sempre superior à das mulheres.

Se tivermos em consideração as causas de morte ao longo das idades da vida, no contexto europeu, encontramos diferenças assinaláveis entre géneros. Na juventude a maioria das mortes tem causas externas – como acidentes, quedas, acidentes rodoviários, afogamentos, suicídios e agressões – sobretudo nos homens jovens. Na UE a 28, 63% dos homens até aos 29 anos morrem de causas externas, em comparação com 40% das mulheres. Esta tendência explica-se pela maior exposição dos homens a situações de risco e violência, que pode ser atribuída a afirmações de masculinidade.

Tal como na juventude, a maioria dos homens europeus entre os 30 e os 49 anos morre de causas externas (29%), enquanto a maioria das mulheres dessa faixa etária morre de neoplasias, isto é, de tumores malignos (46%). Na fase tardia da vida ativa, as neoplasias são a principal causa de morte tanto para homens como para mulheres, mas com maior incidência nestas (53% contra 39%). Portugal acompanha a média europeia, com a exceção da principal causa de morte nos homens entre os 30 e os 49 anos, que no nosso país é as neoplasias (26%) em vez das causas externas.

Analisando apenas as causas externas de morte na União Europeia, também encontramos alterações ao longo das idades da vida. Os acidentes, excetuando os acidentes rodoviários, são a principal causa de morte externa em todas as idades, qualquer que seja o género. A segunda causa mais comum a partir da juventude é o suicídio, especialmente na *rush hour* (27% dos homens e 30% das mulheres). É importante destacar que as mulheres não se suicidam mais do que os homens. De facto, em termos absolutos, há mais homens a cometerem suicídio. Acontece que o número de homens que morrem em acidentes é ainda maior, o que acaba por reduzir o peso dos suicídios no total das mortes por causas externas.

Ideias-chave

- »» **As mulheres vivem em média mais anos do que os homens. No entanto, em Portugal, tal como nos países nórdicos, as mulheres vivem mais anos com problemas de saúde, moderados ou severos, do que os homens.**

 - »» **As mulheres recorrem mais frequentemente a cuidados de saúde do que os homens.**

 - »» **As causas externas de morte são mais frequentes nos homens, visto que estes têm maior propensão para se exporem a situações de risco e de violência.**
-

7. Valores

Que semelhanças e discordâncias existem entre mulheres e homens relativamente a valores e visões do mundo? Haverá efeitos geracionais no plano dos valores? Isto é, serão os indivíduos mais velhos mais conservadores?

Para respondermos a estas perguntas optámos por seguir a “teoria dos valores humanos básicos” desenvolvida por Shalom H. Schwartz (1992). Este autor identificou dez valores universais que podem ser agrupados em quatro grandes tendências: autotranscendência (benevolência e universalismo), por oposição à autopromoção (ambição de poder e realização pessoal), e abertura à mudança, por oposição à conservação.

De acordo com os dados do Inquérito Social Europeu de 2014, em toda a Europa, as pessoas mais velhas e as mulheres são genericamente mais universalistas do que as pessoas mais novas e do que os homens, respetivamente. Os jovens tendem a dar mais importância a objetivos materialistas do que as pessoas mais velhas, em todos os países considerados. Esta tendência pode ser explicada pelo facto de homens e jovens, principalmente as mulheres jovens, terem sido os grupos mais afetados pelo desemprego, pela precariedade e pelos salários mais baixos, nos últimos anos.

Ainda não temos dados suficientes que nos permitam explicar as diferenças entre países, mas podemos avançar

algumas hipóteses. Com a exceção da Espanha, os países que menos aderem aos valores materialistas são aqueles que detêm formas mais desenvolvidas do Estado Social, onde existem menos desigualdades sociais, e que apresentam maiores índices de confiança social e política. Portugal está entre os países em que os indivíduos menos se identificam com valores associados à benevolência e ao universalismo (como a igualdade de oportunidades, a proteção do ambiente e o bem-estar alheio).

Os valores associados ao conservadorismo – como a tradição, a segurança e o conformismo em relação aos costumes – são globalmente rejeitados pelas jovens e pelos jovens europeus e seguidos pelas pessoas na fase tardia da vida ativa. Em Portugal, as mulheres jovens e na *rush hour*, rejeitam mais intensamente os valores conservadores do que os homens. As mulheres jovens portuguesas são mesmo as que mais rejeitam os valores conservadores de entre todos os países analisados.

Curiosamente, as mulheres portuguesas mais velhas são mais conservadoras do que os homens. Em Portugal, as mulheres mais novas, que são também as que se encontram mais integradas no mercado de trabalho, são as europeias mais abertas à mudança, enquanto as portuguesas mais velhas, que estão menos integradas no mercado de trabalho, são das europeias mais conservadoras. Por outras palavras, existe uma grande assimetria entre as mulheres portuguesas de diferentes gerações no que respeita a valores.

Na Europa, homens e mulheres jovens valorizam mais a criatividade, a experimentação e a novidade, e procuram mais

a aventura, a diversão e o prazer do que as gerações mais velhas. De forma transversal aos países analisados, os homens jovens são mais abertos à mudança do que as mulheres. Há duas exceções interessantes a esta tendência europeia: em Portugal, a abertura à mudança é igual entre géneros e, na Finlândia, as mulheres têm uma maior inclinação para a mudança.

Também na Europa, mulheres e homens, independentemente da fase da vida em que se encontram, concordam que “os homens deviam ter tantas responsabilidades como as mulheres em relação à casa e aos filhos”, embora a equidade na divisão das tarefas domésticas e familiares preocupe mais as mulheres.

É interessante constatar que a Suécia e a Finlândia – onde as políticas de igualdade de género têm uma longa tradição – são os únicos países em que tanto os homens como as mulheres, em todas as idades da vida, rejeitam veementemente que as mulheres tenham a obrigação moral de sacrificar as suas carreiras profissionais em prol da família. Em Portugal apenas as pessoas mais novas tendem a rejeitar aquela afirmação.

Na maioria dos países europeus, mulheres e homens, independentemente da idade, rejeitam que se deva dar prioridade aos homens quando o emprego escasseia. Contudo, em todos os países e idades, as mulheres repudiam mais intensamente esta ideia do que os homens. Isto significa, portanto, que as gerações mais velhas ainda obedecem à visão tradicional e estereotipada das funções de género, partindo do pressuposto de que o homem deve ser a principal fonte de sustento da família.

Ideias-chave

- »» As mulheres e os homens europeus aderem mais a valores como o universalismo e a benevolência do que a valores materialistas e individualistas. Apesar de a maioria da população portuguesa rejeitar valores materialistas e valorizar dimensões mais altruístas, este tipo de valores tem menos adesão em Portugal do que noutros países.
- »» Em média, as mulheres e as pessoas mais velhas aderem mais a valores altruístas do que os homens e os mais jovens.
- »» Os jovens são, tendencialmente, mais abertos à mudança do que as pessoas em fases mais avançadas da vida. E os homens apresentam genericamente valores menos conservadores do que as mulheres.
- »» Em todos os países, mulheres e homens consideram que os homens devem ter as mesmas obrigações familiares do que as mulheres, mas os homens continuam a ser menos entusiastas desta ideia do que as mulheres.
- »» A ideia segundo a qual as mulheres devem estar preparadas para sacrificar as suas carreiras em função da família só é unanimemente rejeitada nos países nórdicos, suscitando respostas ambíguas (“nem concordo/nem discordo”) na maioria dos países.

8. Género, educação, trabalho e classe social

Como se distribuem homens e mulheres por classes sociais nos diferentes países europeus? E como se situa Portugal no espaço europeu? Com o intuito de responder a estas questões identificámos perfis de países, bem como perfis de homens e de mulheres dos 15 aos 64 anos, tendo em conta um conjunto de indicadores que refletem as suas condições de vida: taxa de emprego, taxa de desemprego, média de horas de trabalho semanal e proporção de pessoas com ensino superior.

Por classes sociais entendemos os estratos cujos membros tendem a comportar-se e a assumir estilos de vida semelhantes, em virtude de possuírem recursos idênticos, como propriedade, educação, poder e prestígio social. A pertença a uma determinada classe social costuma condicionar as possibilidades de mobilidade social de cada indivíduo ou família.

Como se esperava, o nosso país está muito longe da realidade vivida nos países do norte da Europa, que apresentam melhores resultados em todos os indicadores analisados. É preciso proceder a uma análise mais fina para identificarmos as semelhanças e dissemelhanças entre o nosso país e os restantes países da Europa do sul, para além dos países da Europa de leste.

No contexto europeu, Portugal encontra-se numa posição intermédia no que respeita à taxa de emprego, taxa de desemprego e à média de horas de trabalho. Os homens gregos e espanhóis apresentam a maior taxa de desemprego e a menor taxa de emprego, a maior média de horas semanais e uma posição intermédia relativamente à proporção de homens que completaram o ensino superior. Já o nosso país apresenta uma proporção menor de homens com o ensino superior, juntamente com países como a Itália, a Polónia e a Roménia.

As mulheres portuguesas aproximam-se das mulheres dos países da antiga Europa de leste (como a Bulgária, a República Checa e a Polónia), no que concerne à média de horas de trabalho semanal e à taxa de emprego, sendo as que mais trabalham em toda a Europa, e aproximam-se das mulheres belgas e francesas no que diz respeito às taxas de emprego e desemprego. Para além disso, afastam-se das mulheres gregas e espanholas que, tal como os homens, apresentam a maior taxa de desemprego, a menor taxa de emprego e das maiores médias de horas semanais de trabalho.

A partir dos dados do *European Working Conditions Survey* de 2015, inquérito europeu que recolhe informação sobre a população ativa nos diversos países, foi possível identificar tendências centrais na distribuição de homens e mulheres por classe social. Há muito mais homens na categoria de “empresários, dirigentes e profissionais liberais”, em todos os países analisados. Isto significa que, por toda a Europa, as mulheres continuam a sofrer com a chamada “segregação vertical”, ou seja, continuam a ter dificuldades em aceder a posições de poder e de chefia. Em contrapartida, na maioria

dos países analisados, as mulheres estão mais representadas do que os homens no grupo de “profissionais técnicos e de enquadramento”, que corresponde a pessoas com formação superior, o que se explica pelo facto de elas serem em média mais escolarizadas do que eles.

Se analisarmos os estratos com menos recursos, concluímos que há mais mulheres na categoria de empregados/executantes e homens na categoria de operários. A categoria de empregados/executantes corresponde ao sector dos serviços, que emprega principalmente mulheres, quer nas posições mais operacionais (como os serviços de limpeza), quer nas posições que exigem mais qualificações (como os serviços de escritório). Globalmente, Portugal apresenta cerca de 46% de mulheres e 21% de homens na categoria de empregados/executantes.

Portugal destaca-se por possuir a maior proporção de homens e mulheres na categoria de trabalhador(a) independente: aproximadamente 22% dos homens e 23% das mulheres. Esta categoria deverá incluir situações de trabalho atípico como recibos verdes e *freelancers* que, frequentemente, desempenham funções técnicas ou científicas neste regime.

Se analisarmos as diferenças de género nas classes sociais em Portugal, nas várias idades da vida, descobrimos o seguinte:

- Há sempre mais homens do que mulheres na categoria “empresários, dirigentes e profissionais liberais”. A proporção de homens nesta categoria de topo aumenta gradualmente com a idade, enquanto a das mulheres é maior

na *rush hour* (7,2%) do que na fase tardia da vida ativa (5,8%). Aliás, Portugal é o país com a menor proporção de mulheres nesta categoria, entre os 50 e os 64 anos.

- Ao longo das três fases da vida ativa analisadas as mulheres tendem a concentrar-se na categoria de empregadas e executantes: cerca de 47% na fase tardia da vida ativa e mais de 50% durante a juventude e na *rush hour*. Esta realidade é radicalmente diferente do que se passa em países como a Suécia e a Finlândia, onde a proporção de empregadas/executantes se reduz substancialmente na transição da juventude para a *rush hour* em detrimento das “profissionais técnicas e de enquadramento” e de “empresárias, dirigentes e profissionais liberais”. Já nos homens há prevalência de operários no início da vida ativa, que se vai esbatendo à medida que a idade vai avançando, passando de 49% dos homens jovens para cerca de 31% dos homens na fase tardia da vida ativa. Na categoria de empresários, dirigentes e profissionais liberais a tendência é inversa (cresce 10 pontos percentuais da juventude para a fase tardia).
- As mulheres jovens têm uma presença mais expressiva na categoria de “profissionais técnicos e de enquadramento” do que os homens (25% contra 15%), devido ao maior sucesso escolar das últimas décadas. Sendo assim, não é de espantar que na fase tardia da vida ativa ainda haja mais homens na categoria de profissionais técnicos e de enquadramento (11% contra 9% de mulheres).
- Finalmente, nos(as) trabalhadores/as independentes, a proporção de jovens deverá resultar dos chamados

“falsos recibos verdes”. Para além disso, durante a última crise económica e financeira várias pessoas que se tinham aposentado antecipadamente ou que perderam os seus empregos passaram a trabalhar como independentes, engrossando esse número (cerca de 25% dos homens e de 27% das mulheres).

Quando nos debruçamos sobre a mobilidade social em Portugal, é impossível contornar as dificuldades financeiras sentidas por boa parte da população mais velha. Nas últimas décadas as condições de vida da população portuguesa têm melhorado significativamente, o que ajuda a explicar que a mobilidade social ascendente seja a mais elevada entre os países analisados, uma vez que o ponto de partida era muito frágil.

Em 2011, 29,5% dos homens e 31% das mulheres da UE a 27 apresentavam uma mobilidade social ascendente, contra 44,6% dos homens e 45,4% das mulheres portuguesas. Esta diferença justifica-se pelo facto de Portugal ter das democracias mais jovens e dos índices de desenvolvimento mais baixos da Europa aquando da adesão à Comunidade Económica Europeia, em 1986.

Apesar de não existirem diferenças significativas entre géneros, as mulheres apresentam valores de mobilidade social ligeiramente superiores aos dos homens (1 ponto percentual). Esta ténue feminização da mobilidade social confirma os resultados do estudo *Mobilidade Social em Portugal*, publicado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, em 2017.

Conclusão

A análise das relações de género nas três idades da vida – a infância e a juventude (até aos 29 anos), a *rush hour of life* (dos 30 aos 49 anos) e a fase tardia da vida ativa (dos 50 aos 65 anos) – permitiu desenvolver uma perspetiva nova e diferente, situando Portugal no contexto europeu. Foi possível mostrar como certas tendências começam a desenhar-se logo nas primeiras fases da vida, mas também como se esbatem ou se acentuam noutras. Vale a pena sintetizar agora algumas das conclusões principais.

Educação

- Destaca-se o grande salto dado por Portugal, sobretudo pela geração mais jovem. De 2000 para 2016, verificou-se uma diminuição acentuada das e dos jovens que apenas atingem o ensino básico e um crescimento, embora menos expressivo, daquelas e daqueles que completam o ensino secundário e superior, com destaque para as jovens mulheres. A par deste aumento da escolaridade das gerações mais novas, persiste a baixa escolaridade das pessoas entre os 50 e os 65 anos.
- Nas escolhas formativas e profissionais das portuguesas também se notam progressos assinaláveis, muito acima da média das restantes mulheres europeias, tendo em conta a elevada participação feminina em cursos tradicionalmente masculinizados e dotados de prestígio social, em Portugal.

Trabalho

- O maior sucesso escolar das raparigas não encontra tradução prática imediata: a taxa de emprego da população jovem (15-29 anos) é ligeiramente mais elevada entre os homens do que entre as mulheres, em Portugal e na maioria dos países europeus. No contexto da UE a 27, verifica-se uma subida da participação feminina no mercado de trabalho, destacando-se Portugal por apresentar uma taxa de emprego feminino acima da média europeia.
- É importante realçar as diferenças de género nas remunerações base médias das portuguesas e dos portugueses: independentemente das categorias profissionais analisadas, os homens ganham sempre mais do que as mulheres, com diferenças que ultrapassam os 600€ brutos mensais no grupo das(os) representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, bem como dirigentes e gestoras(es) executivas/os, e os 200€ no caso de artífices e trabalhadoras(es) qualificados da indústria e da construção. Estas diferenças exprimem fortes assimetrias de género que penalizam as mulheres em todas as categorias profissionais.

Família e condições de vida

- Quer em Portugal, quer na Europa, as mulheres saem mais cedo de casa da família de origem, passando a viver em conjugalidade em maior proporção do que os homens. É de assinalar também uma diferença entre os países europeus quanto à idade de saída de casa dos pais: em Portugal,

tal como nos países da Europa do sul e de leste, as e os jovens saem mais tarde de casa dos pais, o que poderá estar associado aos salários baixos que normalmente auferem.

- No que diz respeito às condições de vida, constata-se em todas as idades da vida que o rendimento individual é determinado negativamente pelo sexo e positivamente pela escolaridade e que, globalmente, o risco de pobreza é sempre superior para as mulheres, tanto em Portugal como na média da UE a 27, para a população entre os 15 e os 64 anos.

Articulação trabalho-família

- Em todas as idades da vida existe uma forte feminização do trabalho não pago, com sobrecarga das mulheres, tanto em Portugal como na Europa. Em Portugal, as mulheres trabalhadoras entre os 15 e os 49 anos dedicam em média o dobro das horas dos homens ao trabalho doméstico e a cuidar da família. Ao mesmo tempo, os dados revelam que na maioria dos países da União Europeia aumentou a taxa de emprego de mulheres com filhos dependentes, desde o início do milénio. Tendo em conta que persistem disparidades de género na afetação das horas de trabalho pago e não pago em quase toda a Europa, é necessário instituir políticas que, a par da empregabilidade feminina, promovam a igualdade de género.

Violência, saúde e causas de morte

- Os homens jovens, em Portugal e na Europa, têm mais comportamentos de risco e são mais violentos do que as mulheres jovens. Em todas as idades da vida, os homens constituem a esmagadora maioria da população prisional, sendo os principais condenados por homicídios e crimes de índole sexual, possivelmente na tentativa de assumir uma masculinidade que visa uma posição de controlo sobre as mulheres e os outros homens. As mulheres são as principais vítimas de crimes de agressão sexual e violação, e mesmo quando os homens são vítimas de violência, os agressores são, tendencialmente, outros homens.
- No plano da saúde, as mulheres apresentam uma esperança média de vida mais longa em todas as idades da vida. Mas, em Portugal, como noutros países, usufruem de menos anos de vida saudável. Por outro lado, tanto em Portugal como na Europa, as mulheres reportam com maior frequência problemas de saúde como dores ou potenciais doenças crónicas, perturbações do sono e sentimentos depressivos, e recorrem, mais frequentemente, a cuidados de saúde.

Valores

- Em todas as idades da vida defendem-se mais os valores universalistas e rejeitam-se mais os valores materialistas. No entanto, as pessoas jovens, em Portugal e na Europa, defendem menos os valores universalistas do que as pessoas mais velhas, sendo que as mulheres jovens defendem-nos

mais do que os homens jovens, provavelmente porque estes enfrentam condições de vida e de trabalho mais precárias. Para além disso, as pessoas jovens são mais abertas à mudança do que as mais velhas, sobretudo os homens.

- Na União Europeia, as mulheres e os homens entre os 30 e os 49 anos de idade apontam a família como a prioridade das suas vidas. Homens e mulheres concordam que os homens devem ter responsabilidades iguais às mulheres na prestação de cuidados às crianças e na vida doméstica.
- Na fase tardia da vida ativa, mantém-se a tendência para homens e mulheres reconhecerem o direito das mulheres a acederem em pé de igualdade ao mercado de trabalho. Todavia, à exceção dos países nórdicos, esta posição é ambígua, na medida em que geralmente se considera que as mulheres estão mais obrigadas a assegurar as responsabilidades familiares do que os homens.

Género, perfis de países e classes sociais

- A identificação de perfis de homens e mulheres dos 15 aos 64 anos de idade, nos diferentes países da Europa, conduziu a uma diferenciação interessante: os homens portugueses associam-se aos italianos, búlgaros, letões, polacos, eslovenos e eslovacos, por serem menos escolarizados; e as mulheres portuguesas associam-se às mulheres búlgaras, checas, húngaras, polacas, eslovenas e eslovacas, da antiga Europa de leste, mas também às mulheres belgas e francesas, por apresentarem uma média maior de horas semanais de trabalho remunerado.

- A análise das classes sociais em Portugal e nalguns países da Europa revela uma segregação de género horizontal e vertical. Por outras palavras, as mulheres estão geralmente confinadas a sectores profissionais que lhes conferem menos retorno financeiro e menos prestígio social do que os homens, para além de ocuparem, na maioria dos casos, funções mais baixas na hierarquia profissional.
- As categorias de mais elevado estatuto socioeconómico e qualificação, em países como a República Checa, Espanha e Portugal, apresentam uma maior concentração de homens do que de mulheres (cerca de 30%). Num outro grupo de países, que inclui a Suécia, a Finlândia, o Reino Unido e a França, as mulheres estão mais próximas de atingir 50% dos membros dos grupos com mais recursos financeiros e educativos, principalmente na Suécia e na Finlândia. Assim, os dados indicam que é neste último grupo de países que se verifica um maior equilíbrio na distribuição das classes sociais.

Em síntese, onde é que se fazem sentir, de forma mais evidente, as desigualdades de género?

- Do conjunto vasto de resultados analisados destacamos agora sete aspetos que nos parecem mais marcantes. Em primeiro lugar, à entrada do mercado de trabalho, na fase da juventude, as desigualdades de género fazem-se desde logo sentir: ser mulher é uma desvantagem. Normalmente, mesmo sendo mais escolarizadas, as mulheres obtêm salários mais baixos, têm relações contratuais mais precárias, têm

uma probabilidade maior de ficar no desemprego e ocupam mais tempo nas tarefas domésticas e a cuidar da família. Trata-se de uma tendência transversal a todos os países da Europa, que atinge as diferentes classes sociais. Constatar este facto é importante porque, apesar das mudanças face ao passado, os dados evidenciam a persistência das desigualdades. Vários estudos mostram que as mulheres tendem a ser preteridas em processos de recrutamento quando têm currículos semelhantes aos dos homens, o que contribui para perpetuar a desigualdade.

- Em segundo lugar, ficou patente o grande esforço que homens e mulheres fazem na chamada *rush hour of life*, em Portugal como em toda a Europa, dedicando um volume muito expressivo de horas ao trabalho pago. E embora as mulheres ocupem ligeiramente menos horas do que os homens com o trabalho remunerado, a diferença relativamente ao trabalho não pago é-lhes muito desfavorável. Como outros estudos já tinham demonstrado, a desigualdade salarial aprofunda-se entre os 30 e os 49 anos, tal como a sobrecarga das mulheres no que toca à gestão do quotidiano. É interessante perceber que efeitos tem esta sobreocupação das mulheres com o trabalho e com a família. Entre outras coisas, as mulheres acabam por ter uma participação cívica e política menor. Ou seja, a justiça social e a qualidade da democracia podem estar em causa.
- Em terceiro lugar, o estudo revelou que, na idade tardia da vida ativa, as mulheres diminuem a sua participação no mercado de trabalho, em toda a Europa, tendendo a ocupar-se com tarefas de apoio à família de forma mais

sistemática. Embora a taxa de emprego das mulheres entre os 50 e os 65 anos varie de acordo com as profissões ou com a classe social, em países que apresentam percentagens significativas de mulheres com poucas qualificações nesta idade, como Portugal, é plausível que a saída do mercado de trabalho implique carreiras contributivas mais curtas e maior risco de pobreza em idades avançadas.

- Em quarto lugar, é inquietante verificar a situação de precariedade vivida por muitos jovens, homens e mulheres, em particular em países como Portugal, mas também na Europa do sul e de leste. O facto de uma significativa percentagem de jovens entre os 20 e os 24 anos estar a viver em casa dos pais – eles mais do que elas – pode estar relacionado com os baixos salários auferidos pelos jovens nesses países e/ou com o facto de terem trabalhos mais precários, que dificultam a sua autonomização. Isto é, mesmo quando trabalham, estes jovens não têm rendimentos suficientes ou estabilidade profissional para ter casa própria ou arrendada. Ora, são estas difíceis condições objetivas que podem ajudar a explicar os resultados dos inquéritos sobre valores que nos mostram que a população jovem tende a ser um pouco mais materialista do que as gerações mais velhas.
- Em quinto lugar, outros efeitos de género fazem-se sentir tanto relativamente aos homens como às mulheres. Ao analisar as causas de morte, a violência e o crime, esses efeitos tornam-se muito evidentes nos homens. A necessidade de demonstração da masculinidade, associada a uma ideia de controlo ou domínio, conduz muitas vezes os homens, e em particular os jovens, a comportamentos de

risco com efeitos extremamente negativos. Tal é evidente quando se conclui, por exemplo, que na UE a 28 países 60% dos homens jovens morrem de causas externas às doenças (acidentes, acidentes rodoviários, quedas, afogamentos, suicídio, envenenamento e agressão), o que acontece apenas com 40% das mulheres jovens.

- Em sexto lugar, ao comparar Portugal com os diferentes países da UE a 27, em todas as dimensões analisadas neste Resumo, surgiram duas outras questões. Por um lado, verificou-se que Portugal não se distancia muito da média europeia, o que significa que muitas das dificuldades sentidas pelos portugueses são partilhadas por um conjunto alargado de povos europeus, dando-nos uma imagem diferente daquela que se obtinha quando as comparações eram realizadas com a UE a 19 ou a 15 países. Por outro lado, a inclusão dos países de leste nas comparações europeias exige análises mais finas para que possamos compreender melhor algumas das semelhanças e diferenças encontradas.

Finalmente, importa salientar que o facto de termos feito este mapeamento das dimensões da igualdade de género, nas diferentes idades da vida, em Portugal e nos diferentes países da Europa, num leque temporal abrangente, permitiu identificar grandes tendências relativamente à educação, trabalho, família e condições de vida, violência, crime e causas de morte, valores e perfis de países e classes sociais. Embora em relação a muitas das dimensões evolutivas identificadas se tenha procurado convocar estudos que as analisam com maior detalhe, tratou-se aqui no essencial de um retrato a partir do qual se poderão desenvolver outras análises.

Abreviaturas

CIG Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
(Presidência do Conselho de Ministros)

DGEEC Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

DGRSP Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

ESS *European Social Survey* – Inquérito Social Europeu

EWCS *European Working Conditions Survey*

FCSH/UNL Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

GEP-MTSSS Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério
do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social

INE Instituto Nacional de Estatística

ISSP International Social Survey Programme

OCDE Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

UE União Europeia

UE a 15 União Europeia com 15 Estados-membros

UE a 19 União Europeia com 19 Estados-membros

UE a 27 União Europeia com 27 Estados-membros

UE a 28 União Europeia com 28 Estados-membros

Glossário

Classe social – Categoria social a que pertencem indivíduos com recursos semelhantes, seja de propriedade económica, de qualificações escolares e profissionais, de poder ou de prestígio social, e que costumam ter condições de existência semelhantes e desenvolver afinidades nas suas representações sociais e práticas, ou seja, naquilo que pensam e no que fazem. A pertença a uma determinada classe social tende a condicionar as possibilidades de mobilidade social de cada indivíduo ou família.

Desigualdades de género – Podemos entender de forma genérica as desigualdades como diferenças de acesso e de distribuição de recursos valorizados como os económicos, por exemplo, mas também de outro tipo de bens e recursos, como educação, cultura, poder, reconhecimento e prestígio. Quando falamos de desigualdade de género referimo-nos às desvantagens materiais e simbólicas que as mulheres experienciam relativamente aos homens. Estas são mais frequentes e mais expressivas, embora as desigualdades de género possam também, por vezes, criar desvantagens para os homens (por exemplo, remetendo-os para profissões tendencialmente mais perigosas, incitando-os a adotar comportamentos violentos, a participar em conflitos armados e/ou afastando-os da esfera afetiva do cuidar). As desvantagens verificadas noutras identidades de género que diferem da visão binária tradicional do masculino e do feminino são semelhantes às desvantagens vividas pelas mulheres. Em resultado da pressão dos movimentos feministas e de outros grupos ligados a diversas identidades de género, a igualdade de género tem sido promovida no plano legislativo com mudanças expressivas ao nível nacional e transnacional. No entanto, inércias e resistências ainda se fazem sentir ao nível dos aplicadores e aplicadoras da lei, e das normas

sociais, bem como ao nível das culturas organizacionais das instituições nos seus modos de funcionar tradicionais que, por vezes, adotam a retórica da igualdade sem que ela se traduza em mudança.

Disparidade salarial – É a diferença entre o que ganham os trabalhadores por conta de outrem do sexo masculino e do sexo feminino, por hora, em média. Calcula-se pela diferença entre os ganhos brutos por hora dos empregados homens e os ganhos brutos por hora das empregadas mulheres, como percentagem dos ganhos brutos/hora dos empregados homens. Este indicador inclui todos os empregados de empresas com mais de 10 funcionários.

Feminilidades e masculinidades – Conjunto de qualidades e atributos considerados característicos de mulheres e homens, respetivamente, tendo em conta as normas e valores vigentes numa determinada sociedade. Estas interpretações generalizadas do que representa ser-se mulher ou homem variam em função do tempo, da cultura e da posição social ocupada. Por exemplo, para um homem operário jovem a força pode ser um traço importante de masculinidade, enquanto para um homem de classe média mais velho o sucesso económico e profissional poderá ser mais relevante.

Idades da vida – Utilizámos este termo como conceito operativo para equacionar a questão da igualdade de género e das discriminações ao longo do tempo, identificando grandes grupos e momentos. O género é vivido de forma diferente em diferentes momentos da vida porque, em cada idade, os recursos, o poder, as relações sociais e as realidades vividas por rapazes e raparigas, homens e mulheres, são distintas. Neste estudo considerámos as seguintes idades da vida:

- 1) Infância e juventude (até aos 29 anos);
- 2) *Rush hour of life* (30-49 anos): período em que a maioria das pessoas tem filhos e filhas pequenos/as, somados a um acentuado investimento profissional;

3) Fase tardia da vida ativa (50-65 anos).

Por opção metodológica delimitámos o nosso estudo até à idade ativa, não abordando a fase da vida após os 65 anos. Esta corresponde à idade da reforma/velhice.

Mobilidade ascendente – Estamos perante uma situação de mobilidade ascendente quando uma criança ou jovem que pertence a um agregado familiar com grandes dificuldades ou algumas dificuldades financeiras, se torna num adulto ou adulta – indivíduo entre os 25 e os 59 anos de idade – que vive num agregado familiar que consegue fazer face às despesas com relativa ou bastante facilidade. Por outras palavras, a mobilidade ascendente implica uma melhoria das condições de vida de uma pessoa num determinado período.

Mobilidade descendente – Este conceito é o exato oposto da mobilidade ascendente. Verifica-se quando alguém passa de uma situação financeira melhor para uma situação pior. Assim, estamos perante uma situação de mobilidade descendente quando uma criança ou jovem que pertence a um agregado familiar com melhores condições financeiras, passa a sentir algumas ou bastantes dificuldades para fazer face às despesas durante a sua vida adulta (entre os 25 e os 59 anos de idade).

Salário médio por hora – Calcula-se dividindo os ganhos brutos no mês de referência pelo número de horas pagas no mesmo período. O salário médio/hora total inclui todos os empregados de empresas com mais de 10 funcionários.

Segregação horizontal – Verifica-se quando a maioria dos homens e das mulheres se concentra em certas atividades. Na maioria dos países europeus as mulheres continuam confinadas aos sectores que proporcionam, simultaneamente, menor retorno económico e menor prestígio social.

Segregação vertical – Verifica-se quando um dos géneros se concentra nos níveis mais baixos da hierarquia profissional. Por outras palavras, este conceito não diz respeito às atividades profissionais, mas às posições hierárquicas ocupadas. A maioria das mulheres europeias continua a ser impedida de aceder ao topo da hierarquia profissional.

Sexo e género – A distinção entre sexo e género já passou por várias fases. Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, a medicina, a biologia e a psicologia não distinguiam entre sexo e género. Na altura considerava-se que as diferenças biológicas determinavam comportamentos, traços de personalidade e maneiras de pensar diferentes entre homens e mulheres. Nos anos 1960 emergiu uma corrente que passou a distinguir sexo – associado à diferença biológica – e o género, centrado na dimensão cultural, isto é, nos significados que se atribuem em diferentes sociedades e contextos sociais, do que é ser mulher ou homem. Numa terceira fase, já nos anos 1990, passa a considerar-se que o género não é uma característica dos indivíduos, mas algo que nos é atribuído à nascença e que vamos construindo ao longo da vida.

Taxa de desemprego – Calcula-se apurando o número de desempregados por cada 100 indivíduos ativos. A população ativa constitui a mão de obra disponível para trabalhar, pelo que inclui não só os trabalhadores empregados, mas também os desempregados. No fundo, esta taxa permite-nos perceber o peso da população desempregada no total da população ativa.

Taxa de emprego – Calcula-se apurando o número de indivíduos empregados por cada 100 pessoas com 15 ou mais anos. Esta taxa permite-nos perceber qual é a relação entre a população empregada e a população com 15 ou mais anos de idade.

Para saber mais

Almeida, J. F. (2013), *Desigualdades e Perspetivas dos Cidadãos: Portugal e a Europa*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.

Bago d'Uva, T., Fernandes, M. (2017), *Mobilidade social em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Lisboa, M., Barroso, Z., Patrício, J. e Leandro, A. (2009), *Violência e Género: Inquérito Nacional sobre a Violência Exercida contra as Mulheres e Homens*. Lisboa: CIG.

Schwartz, S. H. (1992), "Universals in the content and structure of values: Theory and empirical tests in 20 countries" in Zanna M. (Coord.) *Advances in experimental socialpsychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.

Para saber mais sobre igualdade de género ao longo da vida poderá consultar quatro *booklets* detalhados que poderão ser descarregados gratuitamente em **ffms.pt**:

1. Género na infância e juventude: educação, trabalho e condições de vida em Portugal e na Europa;
2. Género na *rush hour of life*: trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa;
3. Género na fase tardia da vida ativa: trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa;
4. Género e idades da vida: educação, trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa.

Pode ainda ser consultado o estudo completo que inspirou este Resumo, editado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos – *Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto Europeu, 2017*.

Autores

Anália Torres, Prof.^a Catedrática de Sociologia, coordenadora da Unidade de Sociologia no ISCSP-ULisboa. É fundadora e coordenadora do CIEG, Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, centro classificado com Excelente pela FCT- Fundação para a Ciência e Tecnologia. Doutorada em Sociologia, foi entre outros cargos nacionais e internacionais, Presidente da ESA, European Sociological Association (2009-2011). Investiga e publica, a nível nacional e internacional, na área do género. www.analiatorres.com

Paula Campos Pinto, Prof.^a Associada do ISCSP-ULisboa, investigadora e co-coordenadora do CIEG. Doutorada em Sociologia pela York University, ensina e investiga na área das políticas públicas, desigualdades e interseccionalidades, incluindo as relacionadas com questões de género e deficiência. Sobre estes temas tem publicado em revistas internacionais e coordenado pesquisas nacionais e internacionais.

Dália Costa, Prof.^a Auxiliar do ISCSP-ULisboa, onde leciona desde 1996. Doutorada em Sociologia da Família; Mestre em Sociologia; tem Pós-graduação em Ciências Criminais e é licenciada em Política Social pelo ISCSP-ULisboa. É co-coordenadora e cofundadora do CIEG. Coordena e tem participado em vários projetos de investigação com financiamento nacional e internacional.

Bernardo Coelho, Prof. Auxiliar Convitado no ISCSP-ULisboa, investigador e membro fundador do CIEG. Os seus principais interesses são sociologia da família, género, relações íntimas e sexualidade, planeamento e avaliação de políticas no domínio ou com impacto de género. Participa em pesquisas nacionais e internacionais nestes domínios e é autor e coautor de artigos e capítulos em livros.

Diana Maciel, Prof.^a Auxiliar Convidada do ISCSP-ULisboa e investigadora e membro fundador do CIEG. Doutoranda em Sociologia pelo ISCTE-IUL. Investiga na área da igualdade de género, juventude, toxicodependências e estudos longitudinais. Tem apresentado comunicações em conferências nacionais e internacionais e publicado artigos e livros dentro destas temáticas.

Tânia Reigadinha, Prof.^a assistente no Instituto Politécnico de Setúbal e investigadora. Licenciada em Organização e Gestão de Empresas pelo ISCTE-IUL, mestre em Sociologia pelo ISCTE-IUL, é doutoranda em Gestão – Ciência Aplicada à Decisão na Universidade de Coimbra. Leciona unidades curriculares na área de Marketing e Logística. Colabora com o ISCSP-ULisboa em investigação na área da Sociologia. Faz investigação e publica nas áreas de Marketing, Sociologia e Retalho.

Ellen Theodoro, Licenciada em Psicologia e mestre em Sociologia pelo ISCSP-ULisboa. Atualmente é bolsista de investigação do CIEG, ISCSP-ULisboa.

**“Em que pé está
a igualdade de género
em Portugal?”**

**“Será que estamos tão
distantes dos nossos
parceiros europeus
como julgamos?”**

**“E como se manifesta
a desigualdade entre
homens e mulheres
ao longo da vida?”**



9 789898 863997

ISBN 978-989-8863-99-7